

ilustrar a análise do porquê filogenético.

Qual é o valor de sobrevivência do sorriso? Segundo Darwin (1872), o sorriso do bebê, que fascina e parece ser universalmente festejado pelos adultos, tem valor de sobrevivência na medida em que, aumentando os sentimentos de vinculação em relação a ele, aumenta suas chances de cuidado e proteção. Se o bebê só chorasse, tivesse cólicas e sujasse as fraldas o dia inteiro, suas chances de vir a sofrer negligência ou abuso por parte dos adultos poderiam ser maiores. Frequentemente, por exemplo, episódios de maus tratos são desencadeados pelo choro da criança que irrita o adulto (Frodi e Lamb, 1980; Frodi, 1985).

É difícil testar o valor de sobrevivência do sorriso de forma definitiva. No entanto, há muitas pesquisas mostrando o poder de atração do bebê sobre o adulto (Eibl-Eibesfeldt, 1989). Adultos, e mesmo crianças, respondem dequadramente a indicadores sutis do estado motivacional de bebês, mesmo que não tenham consciência disto (Bussab, 1986; Carvalho, 1986).

O sorriso e seus significados são examinados, no decorrer deste livro, a partir de uma perspectiva integrada da psicologia e da psicologia. A organização dos capítulos segue a sequência ontogenética: do bebê, com suas manifestações espontâneas, até o adulto, cujo sorriso evidencia uma forte carga e aprendizagem.

1 - O SORRISO DO BEBÊ OU DE COMO DOIS PONTOS PODEM BASTAR

Este capítulo trata do desenvolvimento do sorriso no primeiro ano de vida, da forma espontânea ou "reflexa", das primeiras semanas, até a forma social diferenciada, do final do primeiro ano de vida. Os primeiros sorrisos com contato olho-no-olho, com 2-3 meses, produzem grande alegria nos pais, que os interpretam como sinal de amor e de reconhecimento pessoal. Os psicólogos mostram que isto é uma ilusão, na medida em que o bebê desta idade está de fato reagindo a características muito mais primitivas da face humana. No entanto, a ilusão dos pais pode ter valor funcional, contribuindo significativamente para sua vinculação com o bebê e, assim, para o desenvolvimento e a sobrevivência do bebê.

O SORRISO e seus significados
Ott, C.

Quando uma pessoa aproxima-se de um bebê, ele pode reagir como a menininha do alto da Figura 1.1, abrindo um sorriso largo e estendendo os braços, como que dizendo “Me pega, vamos brincar”. No entanto, pode reagir também com desconfiança, como o garotinho da parte inferior da Figura 1.1, com o rosto sério, olhando fixamente para a recém-chegada, como que perguntando “Quem é você? O que você quer? Não te conheço”.

Poderíamos imaginar várias explicações para a diferença de comportamento dos bebês. O problema poderia estar no grau de familiaridade. Pessoas familiares são saudadas com alegria; as desconhecidas, com desconfiança. No caso da Figura 1.1, no entanto, esta não é a explicação, uma vez que as duas pessoas eram igualmente estranhas.

Além de não ser familiar para o bebê, o adulto pode ter uma aparência



Figura 1.1 Reação de bebês à aproximação de uma estranha. (Fotografias de Cristina Obara)



Figura 1.2 Reação ao papai-noel. (Folha de São Paulo, 20/12/92)

incomum. O Jornal Folha de São Paulo, de 20 de dezembro de 1992, apresentou uma reportagem interessante, com fotos muito expressivas (Figura 1.2), intitulada "papai-noel deixa crianças em pânico: empurradas pelas mães, pequenos se assustam". Um senhor que há três anos se vestia de papai-noel no Shopping Center Norte, relatou um verdadeiro show de horror. Disse ele: "Acho que é a barba que assusta". Uma menininha de três anos, por exemplo, foi carregada em prantos pela mãe, batendo os pés no ar, em direção ao papai-noel. Quando a mãe o colocou no chão, saiu correndo dele, depois de tentar chutá-lo. O segurança, que coordenava a fila no local, apresentou uma estatística: de cada dez crianças, três choram.

Intrigada com a questão da reação diferencial de bebês a um adulto potencialmente disponível para a interação, realizei uma pesquisa em conjun-

to com um grupo de orientandos (Ottaviano et al., 1992), investigando a reação de bebês à aproximação de uma sorridente desconhecida. A mulher podia estar com seu rosto natural, jovem e bonito, ou estar usando uma máscara de monstro, de plástico aderente à pele, com feições distorcidas e orelhas enormes. A Figura 1.3 mostra a frequência e a duração de sorriso em resposta à primeira condição. Verifica-se que a idade é um determinante importante da reação exibida. Bebês de quatro meses sorriam mais frequentemente e durante mais tempo que aqueles de nove meses, com os de seis meses situando-se numa posição intermediária. Nenhum dos bebês da faixa etária menor deixou de sorrir em resposta à estranha, enquanto 20% da

* Participaram desta pesquisa Cristiana Obara, Renata Bonilha, Cintia Akamre, Ana Cristina Borretto e Mário Pedrazzoli Neto.

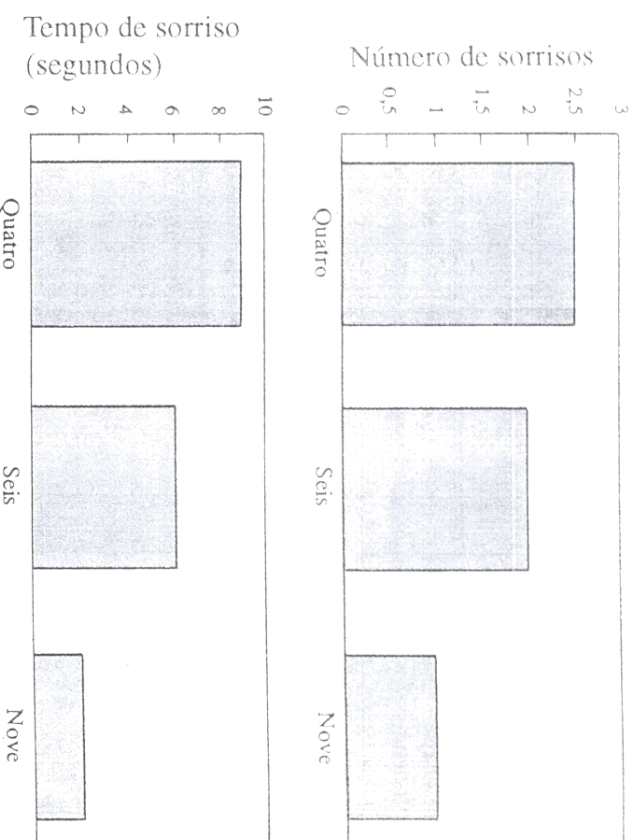


Figura 1.3 Mediana do número e do tempo, em segundos, de sorrisos em resposta a uma estranha sorridente, em função da idade dos bebês. (Fonte: Ottaviano et al., 1992)

faixa intermediária e 42% da faixa etária superior deixaram de responder.

O resultado obtido está de acordo com a literatura, que descreve uma progressão de comportamento indisciplinado em relação a pessoas não familiares até um comportamento cada vez mais seletivo, que geralmente atinge o auge quando o bebê passa dos seis meses. De início, ele torna-se menos receptivo aos contatos. Depois, passa a manifestar esquiva de contato e perturbação emocional. Este fenômeno é conhecido como ansiedade dos oito meses. É interessante notar que, embora o bebê reaja mais prontamente a pessoas estranhas, também o faz em relação a objetos estranhos. Se compararmos a reação de bebês de seis e de nove meses à apresentação de um

objeto não familiar, encontraremos diferenças interessantes. Enquanto os de seis meses tocam o objeto impulsivamente e imediatamente, os mais velhos submetem o objeto a intenso exame visual e demoram para tocá-lo. A impulsividade dá lugar à cautela e, com 8-9 meses, o bebê começa a apresentar a capacidade de reter suas respostas impulsivas de aproximação (Spitz, 1965; Schaffer, 1971).

As alterações comportamentais observadas ao longo do primeiro ano de vida, na reação tanto a pessoas como a objetos, refletem alterações a nível de processamento cognitivo. É como se o bebê visse o mundo na forma de um filme em câmera lenta, com os quadros em sucessão, sem a visão contínua necessária para com-

prender o todo. Seu comportamento fica, então, preso ao estímulo perceptual imediato. Um estranho desperta a necessidade de orientação. É fixado e examinado, mas ainda não é associado à principal referência, a mãe. O bebê mais velho é capaz de considerar eventos simultaneamente. A experiência sensorial com o adulto é comparada com uma representação da mãe, que é recuperada da memória, o que exige capacidade de *conservação de objeto* (Bower, 1971, 1977).

Na pesquisa de Otta et al. (1992) foi encontrada uma diferença evidente de resposta à estranha com face normal e com face de monstro. A mediana do tempo de sorriso em resposta à face de monstro foi zero em todas as faixas etárias (Figura 1.4).

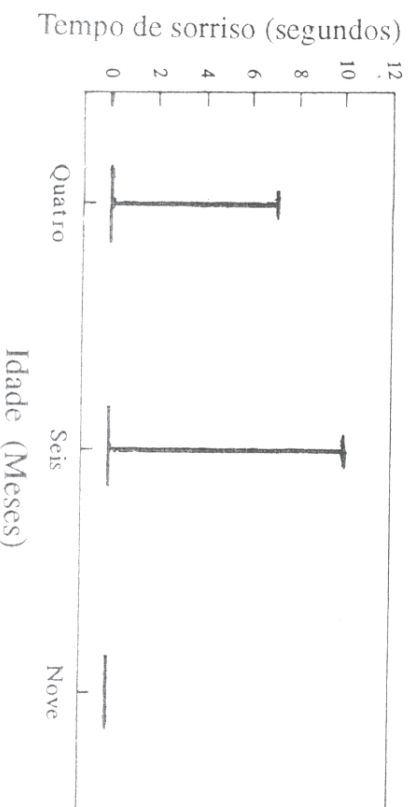


Figura 1.4 Mediana do tempo de sorriso (em segundos) em resposta à face de monstro, em função da idade dos bebês. Embora a mediana não diferencie os três grupos, a faixa de variação indicada os diferencia. (Fonte: Otta et al., 1992)

Esperávamos encontrar diferença no tempo de sorriso de bebês de quatro e de nove meses em resposta à face de monstro, o que não se verificou. Vale notar, no entanto, que um dos bebês de quatro meses passou 7,0 segundos sorrindo para o monstro. Ne-

hum do grupo de nove meses exibiu qualquer sorriso. Quarenta por cento daqueles de seis meses sorriram em resposta ao monstro. Dezoito por cento dos de nove meses choraram em resposta a este estímulo, praticamente durante todo o tempo da sua apresentação.

As fotografias da Figura 1.5, tiradas em sequência, são muito ilustrativas. Um bebê de aproximadamente nove meses olhou para o monstro que se aproximou do seu berço. Em seguida, olhou para a mãe, que estava atrás do fotógrafo (Fig. 1.5 em cima). Olhou, então, novamente para o monstro e começou a chorar (Fig. 1.5 embaixo). O bebê parecia estar perguntando à mãe: "O que é isso? É perigoso?" No caso, a mãe foi instruída a não interfe-



Figura 1.5 Reação de um bebê à aproximação de uma estranha usando uma máscara de monstro. (Fotografias de Cristina Obara)

mãe como base de referência, em situações potencialmente ameaçadoras.

Numa destas pesquisas, bebês de 12 e de 18 meses eram introduzidos com suas mães, numa sala. Num dos cantos, havia uma cadeira, onde a mãe ficava e, em outro, havia um conjunto de brinquedos comuns. O bebê era colocado no canto onde estavam os brinquedos. Logo depois, um brinquedo amíguo (por exemplo, um dinos-

sauro que emitia sons) era introduzido na sala. A mãe devia olhar para o brinquedo e, quando o bebê olhasse para ela, posar uma expressão sorridente, de medo ou neutra. Verificou-se que os bebês mais velhos tendiam a olhar mais pronta e freqüentemente para a mãe que os menores. Os bebês das duas faixas etárias aproximaram-se mais da mãe quando ela exibia a expressão de medo e afastaram-se mais

dela quando exibia a expressão de alegria, colocando-se numa posição intermediária quando a expressão era de neutralidade (Klinnert, 1984).

Em outra pesquisa de mesmo tipo, bebês de 12 meses foram colocados no lado raso de um penhasco visual. As mães ficavam do lado fundo, olhando para eles. O penhasco visual cria a impressão de profundidade (Figura 1.6), mas a queda real é impedida por uma tampa de vidro. As mães deviam exibir uma expressão de alegria ou de medo. Quando a expressão era de medo, nenhum bebê atravessou para o lado fundo. Já diante de uma expressão alegre, 74% atravessaram. Em observações subsequentes, a porcentagem de bebês que atravessaram o lado fundo foi: 11% quando a expressão da mãe era de raiva, 73% quando era de interesse e 33% quando era de tristeza (Sorce et al., 1985).

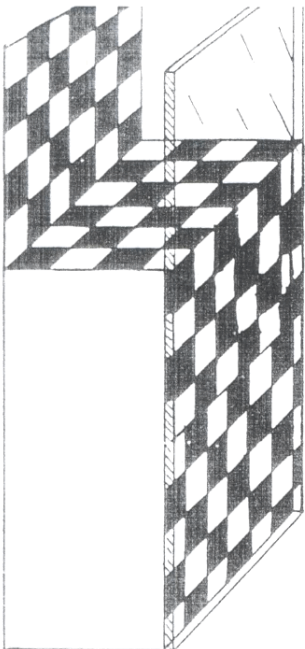


Figura 1.6 Desenho esquemático de um penhasco visual.

No entanto, até ser atingido este nível de discriminação, há um longo caminho a ser percorrido, como veremos a seguir.

Desenvolvimento do sorriso

Desde os primeiros dias do seu nascimento, o bebê assume um papel ativo na sua interação com o mundo externo. Embora tenha pouca competência motora, dispõe de sistemas de sinalização social muito eficientes para assegurar a proximidade das pessoas que cuidam dele e para promover interação. Segundo Charles Darwin (1872), o sorriso, um dos instrumentos mais poderosos, tem valor de sobrevivência nesta fase, pois produz e mantém a proximidade da mãe e da criança. O valor de sobrevivência do sorriso para o bebê, extremamente dependente e indefeso do ponto de vista motor, é a alegria que produz no adulto. Seu aparecimento sempre foi saudado como um evento alegre, que promete vida feliz para o bebê. Diz o poeta romano Virgílio (citado em Goldstein, 1957):

*“Aquele que não
sorri para a mãe
nunca será
honrado pelos
deuses para
sentar à sua
mesa, nem por
nenhuma deusa
para dormir com ela. Comece
a sorrir, menininho, para
acolher sua mãe, você que,
durante nove meses, trouxe
tanto desconforto para ela”.*

Além do sorriso, o rosto e o corpo do bebê funcionam como estímulos poderosos para desencadear sentimentos ternos e protetores no adulto. O cartão a seguir (Figura 1.7) anuncia a chegada de um bebê, utilizando uma imagem que tem estas características accentuadas. Em comparação com o adulto, a cabeça do bebê é grande em relação ao corpo, o qual é geralmente mais arredondado. Os membros são curtos em relação ao tronco, e todos os movimentos são desajeitados. O rosto do bebê é mais chato que o do adulto, os olhos são maiores, a testa é mais abobadada, o nariz é menor e menos saliente, as bochechas são mais carnudas e redondas, o queixo é menor e a pele é mais macia. Até o filhote de passarinho, que aparece no alto do cartão, apresenta características infantis. Os seres humanos sentem afeição por animais com traços infantis e cuidam deles como bichos de estimação (Lorenz, 1943).

O esquema infantil é com frequência exagerado nas bonecas fabricadas pela indústria, com o objetivo de aumentar seu poder de atração e as vendas. Walt Disney também o incorporou nos seus personagens, especialmente no camundongo Mickey, que foi se tornando cada vez mais infantil, no cinema e nas histórias em quadrinhos, ao longo dos seus cinquenta anos de vida (Gould, 1980).

Um estudo muito engenhoso investigou a atração exercida por bebês sobre adultos utilizando a reação pupilar como medida. Sabe-se que as pupilas se dilatam, em condições de iluminação constante, quando a pessoa olha algo que lhe agrada. As mulheres, solteiras ou casadas, com ou sem filhos, apresentaram essa resposta

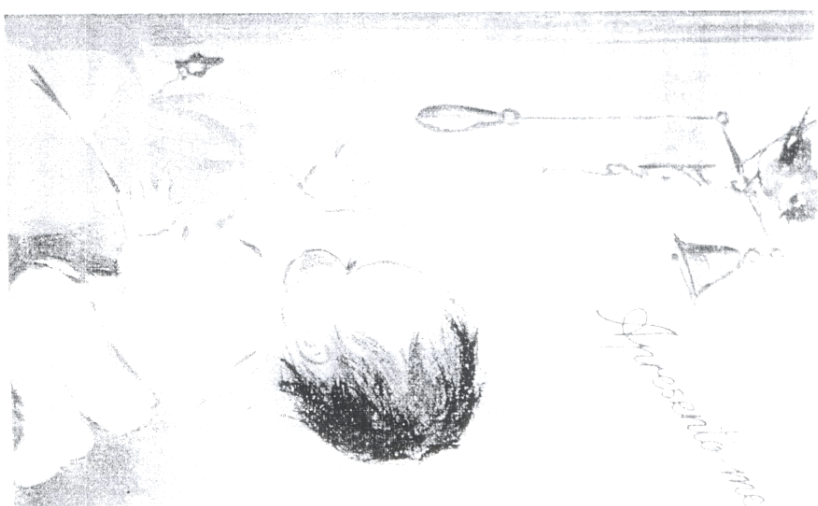


Figura 1.7 O bebê apresenta características estruturais que despertam sentimentos de ternura no adulto. A cabeça é grande em relação ao corpo, os membros são curtos em relação ao tronco, a testa é grande em relação ao restante do rosto, as bochechas são carnudas e salientes.

quando olharam as fotos dos bebês. Os homens com filhos apresentaram a mesma reação. Os homens solteiros e os casados sem filhos, no entanto, apresentaram *constrição pupilar*. A pesquisa sugere que as mulheres estão mais prontas para cuidar de bebês. Os homens precisam ser sensibilizados pelo contato com os próprios filhos (Hess et al., 1960; Hess, 1965, 1975; Eibl-Eibesfeldt, 1989).

Os primeiros sorrisos do bebê são "falsos"

Nas primeiras semanas, o sorriso ainda não é usado propositalmente pelo bebê para obter atenção. Dá a impressão de ser falso. Envolve a boca e as bochechas, mas não chega até os olhos ou a testa. Não parece ter o tom afetivo geral que o caracteriza mais tarde, no desenvolvimento. Também não provoca nos outros a alegria característica das manifestações posteriores.

A primeira fase do sorriso é denominada espontânea ou reflexa. Como nenhum estímulo eliciador havia sido descoberto, a expressão caía na categoria de atividade no vácuo. Estas são atividades que ocorrem na ausência dos estímulos eliciadores normais, muitas vezes nos estágios iniciais do desenvolvimento. Também se acreditava que o padrão fosse provocado por gases (sorriso gástrico).

Hoje, no entanto, tem-se uma compreensão melhor sobre os primeiros sorrisos "espontâneos" ou "não-eliciados". Correlações interessantes foram encontradas com o estágio de sono, determinado a partir do EEG. Os sorrisos das primeiras semanas de vida tendem a ocorrer durante os estados de sono de movimentos oculares rápidos (estados REM). Um outro resultado interessante é a existência de diferenças na frequência de sorriso em função da idade gestacional no momento do nascimento. Os recém-nascidos prematuros sorriem mais que aqueles nascidos a termo (Emde et al., 1969, 1971). Foram feitas observações, num berçário, de recém-nascidos prematuros e nascidos a termo, durante uma mamada e durante os dois

períodos de sono REM, com duração igual ou superior a 10 minutos, que seguiram a mamada. Registraram-se 363 sorrisos para os bebês prematuros e 117 para aqueles nascidos a termo.

Os primeiros sorrisos estão correlacionados com descargas espontâneas do Sistema Nervoso Central, de origem subcortical. São encontrados também em bebês com microcefalia (Harmon e Emde, 1972).

Os sorrisos não-eliciados tendem a desaparecer no final do primeiro mês. Por volta da terceira semana de vida observam-se os primeiros sorrisos "verdadeiros", mas fugidios, que são eliciados por estimulação externa, principalmente pela voz humana feminina. A resposta a estímulos auditivos ocorreu na terceira semana, em oito bebês precoces e muito estimulados. Tal padrão foi observado após o desaparecimento do padrão não-eliciado e antes do desenvolvimento da resposta a estímulos visuais. Uma campanha ou um chocalho podiam ser efetivos nesta fase, mas o estímulo mais efetivo era uma voz humana feminina. A visão do outro ainda não tem efeito e um rosto não acrescenta nada ao efeito produzido pela voz (Wolf, 1963).

Entre o final do primeiro mês e o terceiro mês, os bebês começam a olhar nos olhos da pessoa que interage com eles. Ocorrem mudanças no sorriso, que passa de fugidio e aparentemente controlado por fatores internos a um sorriso completo e reconhecido, produzido principalmente pela visão da face humana. A voz humana torna-se então um eliciador menos efetivo que o rosto. Em geral, o sorriso aparece logo depois que o bebê fixa os olhos do adulto. Este padrão é percebido

subjetivamente pelo adulto como o primeiro sorriso realmente social, provavelmente por causa do contato visual olho-no-olho.

Todos os pais acreditam que os filhos sorriem para eles. Estas primeiras expressões são profundamente re-

1.8 apresenta um esquema dos eliciadores de sorriso ao longo do primeiro ano de vida.

Por volta do segundo ou terceiro mês, o sorriso aparece diante de qualquer figura com configuração de olhos. Apesar de estar sendo evocado

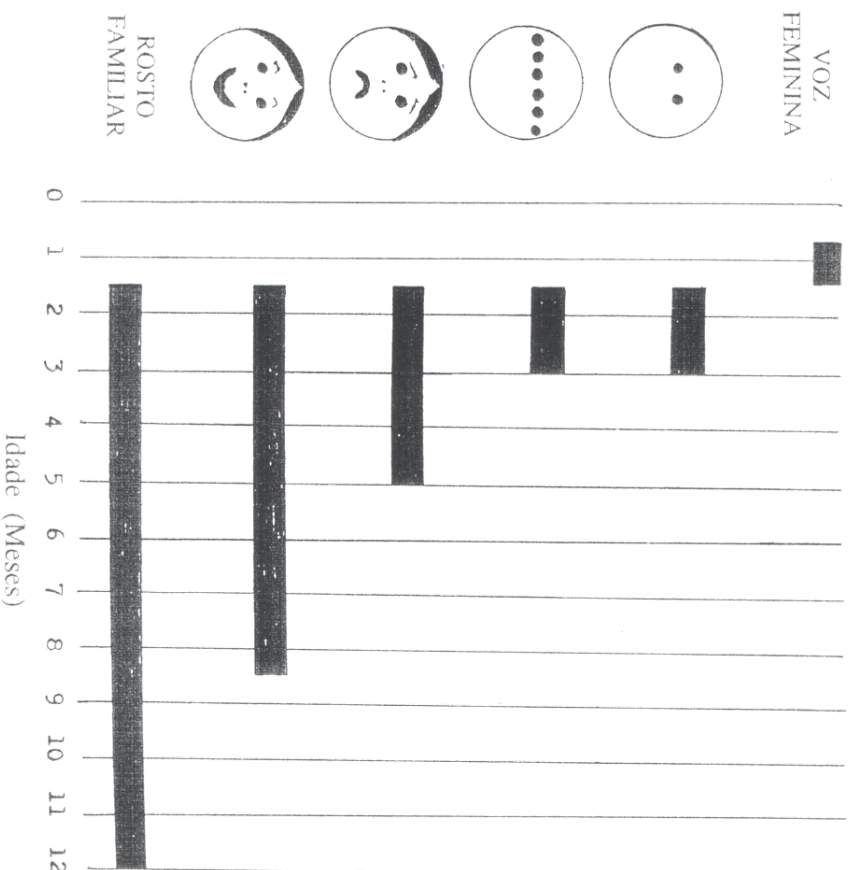


Figura 1.8 Estímulos eliciadores de sorriso em várias idades.

compensadoras para os pais. Os psicólogos, no entanto, estão convencidos de que tal interpretação é exagerada, pois as respostas estão associadas, de início, a estímulos característicos, que não são de natureza social. A Figura

por um estímulo inerente à face humana, este ainda é de natureza muito mais primitiva. Tal conclusão foi determinada com a apresentação de partes do rosto humano ou de máscaras de papelão a bebês. Ao se cobrir a parte

inferior do rosto de uma pessoa que estabelecia contato com o bebê, verificava-se que o sorriso surgia da mesma forma que para o rosto inteiro. No entanto, cobrindo-se a parte superior do rosto ou virando o rosto de perfil, o sorriso desaparecia. Neste estágio, os olhos são o elemento essencial da estimulação eliciadora (Kailla, 1932; Spitz e Wolf, 1946; Ahrens, 1954).

A idade gestacional parece ser uma variável importante no desenvolvimento do sorriso, na transição do padrão inicial não-eliciado para o padrão eliciado por estímulos auditivos, e deste para o padrão eliciado por estímulos visuais. Vários estudos mostram que os bebês começam a sorrir para faces humanas com idade gestacional de 46 semanas, embora suas idades cronológicas possam ser, a esta altura, bastante diferentes.

Estímulo sinal e estímulo supernormal

Durante o segundo e o terceiro mês, os olhos constituem um estímulo sinal para um mecanismo liberador inato, análogo aos estímulos sinais descritos pelos etólogos para um grande número de respostas específicas à espécie, em animais.

Em várias situações, os animais respondem "cegamente" a apenas uma parte de uma situação ambiental complexa e negligenciam outras partes, embora seus órgãos sensoriais sejam capazes de receber a estimulação. Por exemplo, um paparricho macho ataca furiosamente um monte de penas vermelhas, que é colocado no seu território, e ignora um pássaro empalhado

que não tem o peito vermelho (Tinbergen, 1951; Manning, 1972). As características cruciais na eliciação de uma resposta são chamadas *estímulos sinais*.

Em muitas circunstâncias, os animais parecem equipados com uma prontidão, inatamente determinada, para responder de uma forma particular a estímulos sinais específicos. O bebê humano também parece estar estruturado de tal forma que certas seqüências estímulo-resposta, biologicamente importantes – como o sorriso em relação a padrões que se assemelham a olhos – sejam parte da sua dotação inata, colocando-o em contato com outros seres humanos e aumentando, assim, suas chances de cuidado, proteção e sobrevivência (Hinde, 1970; Eibl-Eibesfeldt, 1970, 1989; Schaffer, 1971).

Usando máscaras, verificou-se que padrões de pontos podiam ser mais efetivos que o rosto humano. Uma máscara com seis pontos evocava mais sorrisos, em bebês de dois meses, que uma máscara com dois pontos. Então, um estímulo supernormal está funcionando mais efetivamente que a própria natureza (Ahrens, 1954).

Identificando as características de um objeto natural importantes para uma resposta particular, é possível construir modelos, em que alguns destes estímulos são exagerados, em relação ao objeto natural.

Gaivotas adultas têm o bico amarelo, com uma mancha vermelha na ponta. Filhotes bicam a mancha vermelha, para que os pais regurgitem alimento para eles. São enganados por *estímulos supernormais* (Figura 1.9). Preferem bicar um lápis branco, com

listras vermelhas na ponta, a bicar um modelo exato da cabeça de uma gaivota.



Figura 1.9 Um filhote de gaivota prefere um lápis aos pais. (Fonte: Tinbergen, 1951)

No caso do bebê humano, o modelo de seis pontos pode ser considerado um estímulo sinal supernormal, da mesma forma que o lápis para as gaivotas. Estas considerações levam os psicólogos a concluir que o sorriso, no segundo e no terceiro mês de vida, não indica uma verdadeira relação afetiva, na medida em que o bebê ainda não percebe a face de uma pessoa, com que estabeleceu um vínculo afetivo, mas apenas percebe um sinal. Certamente estes resultados vão contra a intuição, principalmente contra a interpretação das mães, que tendem a interpretar os primeiros contatos olho-no-olho e os primeiros sorrisos dos seus filhos como "Ele me ama", "Ele me reconhece pessoalmente".

O sorriso torna-se seletivo

Os olhos não se mantêm durante muito tempo como eliciadores efetivos

do sorriso. Com o desenvolvimento, outras características do rosto, como as sobrancelhas, a boca, etc., tornam-se necessárias. O bebê começa a prestar atenção em outras características e detalhes do estímulo. O contexto em que o estímulo aparece também passa a ser levado em conta. Depois de algum tempo, máscaras tornam-se inefetivas e apenas um rosto humano elicia sorriso. Até cinco meses, o bebê responde igualmente ao rosto de uma pessoa sorridente, carrancuda ou que está chorando. Daí em diante, começa a diferenciar entre as várias expressões. Começa também a diferenciar as pessoas entre si (Hinde, 1970; Schaffer, 1971).

Nas primeiras semanas de vida os bebês respondem automaticamente às pessoas, independentemente do grau de familiaridade destas. Sorriem quase imediatamente para uma pessoa estranha e não apresentam sinais de consciência da falta de familiaridade. Entre três e cinco meses, no entanto, a resposta perde seu caráter automático e começam a ser observados atrasos. A mãe continua recebendo os mesmos sorrisos imediatos, mas uma pessoa estranha é recebida com o rosto sério. À medida em que se torna mais velho, o atraso aumenta. O bebê olha fixamente para o estranho, mas não manifesta qualquer sinal de esquivar. Aos oito meses, ele sofre outra mudança. Não só deixa de exibir respostas positivas a pessoas não familiares, mas também começa a reagir a elas com medo. O fenômeno é conhecido como

"O bebê de três meses não percebe um parceiro humano, nem uma pessoa, nem um objeto libidinal, mas apenas um sinal.

Certamente, este sinal é fornecido pela face humana, mas, como demonstraram nossas outras experiências, não é a totalidade da face humana, com todos os seus pormenores, que constitui o sinal, mas, ao invés disto, uma gestalt privilegiada que existe nela. Esta gestalt privilegiada consiste na testa, olhos e nariz, o todo em movimento. (...) os

indivíduos a quem ele responde com um sorriso são livremente intercambiáveis. Não apenas a mãe do bebê, mas qualquer pessoa, homem ou mulher, branco ou negro, pode, neste estágio, provocar a reação de sorriso, se preencher as condições exigidas pela gestalt privilegiada, que age como um desencadeador da resposta.

Se relacionarmos este resultado ao sistema da teoria psicanalítica, é evidente que o sinal gestáltico não é um verdadeiro objeto; por isso denominei-o pré-objeto. O que o bebê

reconhece neste sinal gestáltico não são as qualidades essenciais do objeto libidinal; nem os atributos que motivam o objeto a atender as suas necessidades, protegê-lo e satisfazê-lo.

O que ele reconhece durante o estágio pré-objetual são atributos secundários, externos e não-essenciais".

(Spitz, 1965, p. 91 e 93)

ansiedade dos oito meses. Nesta fase, o sorriso social já é evidentemente seletivo. O bebê não reage mais indiscriminadamente a todos os objetos sociais, mas apenas a certos indivíduos selecionados. As pessoas deixam de ser tratadas como parceiros equivalentes (Schaffer, 1966; Gewirtz, 1965; Spitz, 1965).

A ontogênese do sorriso no bebê humano é um exemplo de restrição da gama de estímulos efetivos para a eliciação de respostas típicas da espécie. O bebê certamente não se apresenta como uma tábula rasa. Desde bem novinho, tem um papel muito mais ativo do que os psicólogos inicialmente estavam dispostos a admitir. Mecanismos liberadores inatos estabelecem o caminho do desenvolvimento perceptual do organismo jovem, em certas trajetórias específicas da espécie. Os mecanismos perceptuais inatos sofrem, então, ajustes e refinamentos, ao longo da experiência individual. Este princípio, que descreve bem a sequência ontogenética do sorriso humano, talvez seja um princípio mais geral de desenvolvimento (Hinde, 1970; Marler, 1984).

Regulações recíprocas entre mãe e bebê

O sorriso é parte das interações lúdicas que se estabelecem entre a mãe e o bebê. Uma regulação fina de ritmo é observada, quando se analisam detalhadamente as comunicações alegres de bebês, com poucos meses de vida, com suas mães. A mãe procura, inicialmente, atrair a atenção do bebê, obtendo o contato olho-no-olho. Então, sorri e

fala delicadamente, alinhando o seu rosto ao dele. Ajusta o seu comportamento ao dele, que parece dar o tom da interação. Caracteristicamente, imita o seu comportamento, reproduzindo-o com exagero lúdico. É como se a natureza tivesse fornecido aos bebês um eco biológico ou um espelho. Este pode ser um mecanismo importante no desenvolvimento da autoconsciência (Bussab, 1986; Papousek e Papousek, 1984).

Uma forma complexa de compreensão mútua se desenvolve e cada dupla estabelece um estilo próprio e um código particular. Se a mãe for substituída por uma pessoa estranha, a comunicação torna-se menos elaborada e aparentemente "fora de tom". A hesitação do bebê poderia ser devida a um estranhamento da pessoa que interage com ele, mas também poderia ser devida a um estranhamento do seu comportamento (Trevarthen, 1979).

As compreensões compartilhadas, que são construídas entre o bebê e as suas figuras de apego, são a base para todas as interações posteriores. Acrescenta-se também que este seja o arranjo ótimo para o desenvolvimento da linguagem. O fluxo de comunicação é intenso e aparentemente eficiente: nele, a linguagem encaixa-se como uma luva. A partilha precoce de consciência em torno de sentimentos e eventos é básica: a palavra apenas traduz, concretiza o momento significativo da interação. Sem isto, a linguagem não faria sentido (Bussab, 1986; Bussab e Pavone, 1986; Bullowa, 1979).

Os bebês exibem sinais de aflição quando a comunicação é quebrada. Murray (1980) observou brincadeiras mãe-filho, com interação face-a-face,

durante as quais bebês de 6 a 19 semanas mantinham o olhar, sorriam e vocalizavam. As mães foram solicitadas a parar de reagir e a imobilizar suas expressões, durante um minuto, no meio de uma interação comunicativa lúdica. Verificou-se que isto provocava perturbação nos bebês, que paravam de olhar e de sorrir, e passavam a tocar o próprio corpo, alguns comportamentos típicos de crianças cronicamente isoladas de contato humano ou diagnosticadas como autistas (Clancy e MacBride, 1975). É interessante notar que, uma vez liberadas, as mães apresentavam estimulação redobrada, como que sensibilizadas pelos sinais de perturbação dos filhos.

Bebês de 3-6 meses foram observados durante um período de três minutos de interação com a mãe e com uma estranha, tomando-se várias medidas comportamentais e fisiológicas. Filhos de mães depressivas, em comparação com aqueles de mães não-depressivas, apresentavam ritmo cardíaco mais elevado e maiores taxas de cortisol, indicando ativação simpática e estresse. Do ponto de vista comportamental, também foram observadas diferenças. Dirigiram às mães menos olhares, expressões faciais e vocalizações. Além disso, mostraram-se menos responsivos com a estranha. Experimentando ausência frequente de controle nas suas interações iniciais, estes bebês podem ter desenvolvido um estilo passivo, que generalizaram para outras situações de interação (Field et al., 1988; Gunnar et al., 1984).

Quando se utiliza o procedimento de quebra de comunicação após um período de interação, os bebês filhos de mães normais ficam muito mais perturbados que aqueles de mães de-

pressivas. Aparentemente, os últimos se acostumaram com este padrão (Cohn e Tronick, 1983; Field, 1984).

A família é um contexto importante em que as crianças aprendem sobre emoções. A expressividade e a disponibilidade emocional das figuras de apego podem ter implicações importantes para o desenvolvimento. Crescer numa família expressiva pode promover compreensão emocional e social, o que, por sua vez, pode se refletir em maior competência no relacionamento posterior com companheiros (Denham et al., 1980; Eisenberg et al., 1992).

2 - UM MECANISMO PARA LIDAR COM ASPECTOS NOVOS E PROVOCATIVOS DO AMBIENTE: O RISO

Este capítulo trata do desenvolvimento do riso, cujo aparecimento é mais tardio que o sorriso. Enquanto o sorriso é observado desde as primeiras semanas, o riso só é observado a partir do quarto mês.

Inicialmente, os desencadeadores mais efetivos são estímulos físicos vigorosos, por exemplo, fazer cócegas. Com o tempo, a eficácia destes estímulos diminui e o riso passa a ser desencadeado por estímulos que contêm elementos de incongruência cognitiva, por exemplo, ver a mãe fazendo de conta que toma mamadeira. As relações entre expressão afetiva e desenvolvimento cognitivo são discutidas, sendo o riso visto como um comportamento que, ao mesmo tempo, promove e reflete o

desenvolvimento cognitivo. O riso aparece cerca de quatro meses mais tarde em bebês com Síndrome de Down que em bebês normais. A idade em que começa a ser observado, no primeiro ano de vida, é um bom preditor dos escores obtidos em escalas de desenvolvimento (como a escala Bayley, por exemplo), no segundo ano de vida.
